

Espécies de espaços – Georges Perec (Paris: Éditions Galilée, 1974)

Notas traduzidas por Mariana S. da Silva

(p.12) espaço
espaço livre
espaço fechado
espaço interdito
falta de espaço
espaço contado
espaço verde
espaço vital
espaço crítico
posição no espaço
espaço descoberto
descoberta do espaço
espaço oblíquo
espaço virgem
espaço euclidiano
espaço aéreo
espaço cinza
espaço torto
espaço do sonho
barra do espaço
passeios no espaço
geometria no espaço
olhar entorno do espaço
espaço tempo
espaço medido
a conquista do espaço
espaço morto
espaço de um instante
espaço celeste
espaço imaginário
espaço nocivo
espaço branco
espaço de dentro
o pedestre do espaço
espaço quebrado
espaço ordenado
espaço vivido
espaço mole
espaço disponível
espaço percorrido
espaço plano
espaço tipo
espaço ao redor
giro no espaço
nas bordas do espaço
espaço de uma manhã
olhar perdido no espaço
os grandes espaços
a evolução dos espaços
espaço sonoro
espaço literário
odisseia no espaço

Introdução

(p.13) O objeto deste livro não é exatamente o vazio, seria muito mais o que há ao redor, ou dentro (...) do entendimento do exterior, o que está no exterior de nós, no meio do que nos deslocamos, o meio ambiente, o espaço ao redor.

Nós vivemos dentro do espaço, dentro destes espaços, destas cidades, destes campos, destes viadutos, destes jardins.

Pode-se mesmo começar a sonhar. Nada, por exemplo, impede-nos de conceber coisas que não seriam nem cidades, nem campos, nem viadutos, mas que seriam ao mesmo tempo jardins.

(p.14) Viver é passar de um espaço a outro, tentando não se chocar com nada.

A página

(p.17) “*Eu escrevo para me percorrer*” *Henri Michaux*

Eu escrevo...

Eu escrevo: eu escrevo...

Eu escrevo: “eu escrevo...”

Eu escrevo que eu escrevo...

etc.

Eu escrevo: eu traço palavras em uma página.

Letra à letra, um texto forma-se, afirma-se, consolida-se, fixa-se, congela-se:

uma linha estritamente h

o
r
i
z
o
n
t
a
l

(p.18)

dando-lhe um sentido, orientando-o:

da esquerda

d

à direita

e

c

i

m

a

a

b

a

i

x

o

(p.18) 2. O espaço de uma folha de papel (modelo regulamentado internacionalmente, em uso nas administrações, à venda em todas as papelarias) mede 623,7cm (cm quadrados). É preciso escrever um pouco mais do que dezesseis páginas para ocupar um metro quadrado. Supondo-se que o formato médio de um livro seja de 21x29,7cm, poder-se-ia, deslocando todas as obras impressas conservadas na Biblioteca Nacional e as instalando, cuidadosamente, suas páginas lado a lado, cobrir inteiramente tanto a Ilha de Santa Helena, como o Lago da Trasimeno.

(p.19) 3. Eu escrevo: eu habito minha folha de papel, eu a conquisto, eu a percorro.

Eu suscito brancos, espaços (saltos no sentido, descontinuidades, passagens, transições).

Eu vou à linha. Eu remeto a uma nota de rodapé*
Eu mudo de folha.

(p.20) 4. Há poucos acontecimentos que não deixem ao menos um traço escrito. Quase tudo, em um momento ou outro, passa por uma folha de papel, uma página de caderneta, uma folha de agenda ou qualquer outro suporte que seja (um ticket de metrô, uma margem do jornal, uma carteira de cigarros, as costas de um envelope, etc.).

(p.21) 5. O espaço começa assim, com palavras somente, signos traçados sobre a página branca. Descrever o espaço: nomeá-lo, traçá-lo, como aqueles portulanos que saturavam as bordas de nomes de portos, de nomes de penhascos, de nomes de ancoradouros, até que a terra se tornasse separada do mar somente por uma tira contínua de texto. O *aleph*, este lugar *borgesiano* onde o mundo inteiro está simultaneamente visível, é outra coisa senão um alfabeto?

O quarto

(p.36) 2. Pequeno problema

Quando, em um dado quarto, muda-se o lugar da cama, pode-se dizer que se muda de quarto, ou o que?

3. Habitar um quarto, o que é? Habitar um lugar é apropriar-se dele? O que é se apropriar de um lugar? A partir de quando um lugar se torna verdadeiramente seu? É quando se colocam de molho seus três pares de meias em uma bacia de matéria plástica rosa? É quando se esquentam espaguete em um fogareiro de camping? (...)

(p.36-37) 4. Pequeno pensamento plácido nº1

Qualquer proprietário de um gato lhes dirá com razão que os gatos habitam as casas muito melhor do que os homens. Mesmo nos espaços mais terrivelmente quadrados, eles sabem encontrar os recantos propícios.

Pequeno pensamento plácido nº2

O tempo que passa (minha História) deposita resíduos que se empilham: fotos, desenhos, cabos de canetas já há muito tempo ressequidas, camisas, garrafas retornáveis e não retornáveis, embalagens de cigarros, caixas, borrachas, cartões postais, livros, poeira e bibelôs: é o que eu chamo de minha fortuna.

O apartamento

(p.41) 1. Todo o apartamento é composto de um número variável, mas finito, de peças;

2. Cada peça tem uma função particular.

(p.47) De um espaço inútil

Diversas vezes tentei pensar em um apartamento no qual haveria uma peça inútil, absolutamente e deliberadamente inútil. Este não seria um depósito, não seria um quarto suplementar, nem um corredor, nem um cubículo, nem um recanto. Seria um espaço sem função. Não serviria a nada, não conduziria a nada.

Foi-me impossível, apesar de meus esforços, de seguir este pensamento, esta imagem, até o fim. A própria linguagem, parece-me, está verdadeiramente inapta a descrever este nada, este vazio, como se fosse possível falar do que é cheio, útil e funcional.

Um espaço sem função. Não “sem função precisa”, mas precisamente sem função; não polifuncional (isso todo o mundo sabe fazer), mas *a-funcional*. (...) um espaço, eu repito, que não serviria a nada.

* Eu gosto muito das notas de rodapé, mesmo que eu não tenha nada em particular para nela explicar.

(p.48) Como pensar o nada? Como pensar o nada sem, automaticamente, colocar algo ao redor desse nada. Isto geraria um buraco, em que se colocaria alguma coisa, uma prática, uma função, um destino, um olhar, uma necessidade, uma falta, um excedente...?

Eu tentei seguir com ternura esta idéia frágil; eu encontrei muitos espaços inutilizáveis e muitos espaços inutilizados. Eu não quero nem o inutilizável, nem o inutilizado, mas sim o inútil.

(p.49) (...) eu pensei em outra novela do Borges (*O Imortal*) na qual os homens que, não possuindo mais a necessidade de viver e de morrer, construíram palácios em ruínas e escadas inutilizáveis; eu pensei nas gravuras de Escher e nos quadros de Magritte (...) eu pensei em uma vaga lembrança que tinha de um texto de Heissenbütel em que o narrador descobre uma peça sem portas, nem janelas (...).

Portas

(p.52) As portas param e separam.

A porta quebra o espaço, cinde-o, interdita a osmose, impõe o fechamento: de um lado, há eu e meu *em minha casa*, o privado, o doméstico (...) de outro, há outros, o mundo, o público, o político. (...) é preciso (para passar de um a outro) comunicar-se, como o prisioneiro comunica-se, com o exterior.

Paredes

(p.55) “*Havendo uma parede, o que se passa atrás?*”. Jean Tardieu

Eu não sei o que há atrás desta parede (...).

Eu não sei mais que em meu apartamento há paredes e que se não houvesse paredes, não haveria apartamento. A parede não é mais o que delimita e define o lugar onde vivo, é o que separa os outros lugares onde os outros vivem (...).

Poder-se-ia escrever nas paredes (como se escreve, por vezes, nas fachadas das casas, nas cercas de canteiros, nas muralhas das prisões), mas o fazemos raramente.

O prédio

(p.62) 2. Coisas que de tempos em tempos dever-se-ia fazer sistematicamente

No prédio que habitamos:

ir ver seus vizinhos; olhar o que há, por exemplo, sobre a parede que temos em comum; verificar, ou desmentir, a homotopia dos cômodos. Ver como deles se tira partido;

dar-se conta que alguma coisa que tenha causado estranhamento pode vir do fato de que se tenha tomado a escada B no lugar da escada A, ou que se tenha subido ao 5º anda quando habitamos no segundo;

tentar imaginar, no terreno mesmo do prédio, as bases de uma existência coletiva (...)

(p.63) Para prédios em geral:

olhá-los;

levantar a cabeça;

procurar o nome do arquiteto, o nome do construtor, a data da construção;

perguntar-se porque há, com freqüência, escrito *gás em todos os andares*;

tentar lembrar-se, no caso de um prédio novo, o que havia antes ali; etc.

A rua

1. (p.65) (...) a rua é um espaço limitado, geralmente em seus dois grandes lados há casas; a rua é o que separa as casas umas das outras, e também o que permite ir de uma casa à outra, seja em linha reta, seja atravessando a rua.

(p.66) Ao contrário dos prédios que pertencem quase sempre a alguém, as ruas não pertencem em princípio a ninguém. Elas são divididas de maneira bem equivalente, entre uma zona reservada aos

automóveis, que chamamos de autovia, e duas zonas, evidentemente mais estreitas, reservadas aos pedestres, que se nomeiam calçadas.

(p.67) Não é freqüente que haja árvores nas ruas. Quando há, elas são rodeadas por grades. Por outro lado, a maioria das ruas é equipada de mobiliários específicos correspondendo a diversos serviços: há assim lamparinas que se iluminam automaticamente desde que a luz do dia começa a baixar de maneira significativa; paradas nas quais os usuários podem esperar a chegada dos ônibus ou dos táxis; cabines telefônicas; bancos públicos; caixas nas quais os cidadãos podem depositar suas cartas que o serviço postal virá coletar em horas fixas; mecanismos com relógios destinados a receber o dinheiro necessário a um estacionamento de duração limitada; cestos reservados aos papéis usados e outros detritos, e para os quais um grande número de pessoas se direciona, compulsivamente, de passagem, um olhar furtivo; semáforos. Há igualmente placas de sinalização de veículos, indicando, por exemplo, que convém permanecer neste ou naquele lado da rua de acordo com determinada quinzena do mês (o que se chama “estacionamento alternado”), ou que se deve manter silêncio visto a proximidade de um hospital, ou enfim, sobretudo, que a rua tem um único sentido: a afluência de automóveis é tal que, de fato, a circulação seria quase impossível se não se tivesse, já há alguns anos, tornado-se hábito, na maioria das aglomerações urbanas, impor aos motoristas de circularem somente em uma direção, o que os obriga, de vez em quando, a fazer longos retornos.

(p.70) 3. Trabalhos práticos

Observar a rua, de tempos em tempos, talvez com uma preocupação sistemática.

Aplicar-se. Tomar seu tempo.

Anotar o lugar: o terraço de um café perto do cruzamento Bac-Saint Germain

a hora: sete horas da noite

a data: 15 de maio de 1973

o tempo: fixo com sol.

Anotar o que se vê. O que se passa de notável. Sabe-se ver o que é notável? Há algo que nos assuste?

Nada nos assusta. Não sabemos ver.

A rua: tentar descrever a rua, do que é feita, a que serve. As pessoas nas ruas. Os carros. Qual tipo de carros? Os prédios: notar que alguns são mais confortáveis, mais sofisticados; distinguir os prédios residenciais e os prédios oficiais.

As lojas. O que se vende nas lojas? Não há lojas de alimentos. Ah, sim! Há uma padaria. Perguntar-se onde as pessoas do bairro fazem suas compras.

Os cafés. Quantos cafés existem aqui? Um, dois, três, quatro. Por que ter escolhido este? Porque o conhecemos, porque ele está no sol, porque é uma tabacaria. As outras lojas: antiquários, de roupas, *hi-fi*, etc. Não dizer, não escrever “etc.”. Forçar-se a esgotar o assunto, mesmo se ele tiver um ar grotesco, ou fútil, ou estúpido. Não olhamos nada ainda, só se assinalou o que há muito tempo já havíamos assinalado.

Obrigado-se a ver mais planamente.

Descobrir um ritmo: a passagem dos carros: os carros chegam em cotas, pois, mais acima ou mais abaixo na rua, todos param no sinal vermelho.

Contar os carros.

Olhar as placas dos carros. Distinguir os carros não registrados em Paris e os outros.

Notar a ausência de táxis, mesmo que, precisamente, parece haver muitas pessoas que os aguardam.

Ler o que está escrito na rua: anúncios da *Morris*, bancas de jornal, cartazes, placas de sinalização, grafites, folhetos jogados no chão, letreiros de lojas.

Beleza das mulheres.

A moda é dos saltos altos demais.

(p.73) As pessoas nas ruas: de onde elas vêm? Para onde vão? Quem são?

Pessoas apressadas. Pessoas lentas. Pessoas prudentes que pegaram suas capas de chuva. Cães: são os animais mais evidentes. Não vemos pássaros – mas sabemos que eles existem. Podia-se ver um gato escorregando debaixo de um carro, mas isso não acontece mais.

Não se passa nada em suma.

Tentar classificar as pessoas: as que são do bairro e as que não são do bairro. Não parece haver turistas aqui. A época não é propícia, aliás, o bairro não é especialmente turístico. Quais são as curiosidades do bairro? A mansão de Salomon Bernard? A Igreja São Tomás de Aquino? O número 5 da Rua Sébastien-Bottin?

O tempo passa. Beber sua cerveja. Esperar.

Notar que as árvores estão longe (lá, em Saint Germain e em Raspail), que não há cinemas, nem teatros, que não se vê nenhum canteiro mais evidente, que a maioria das casas parece ter obedecido as prescrições de reforma de fachadas.

Continuar

Até que o lugar se torne improvável

Até experimentar, durante um breve instante, a impressão de se estar em uma cidade estrangeira, ou melhor ainda, até não compreender o que acontece ou que não acontece, que o lugar inteiro se torne estrangeiro, que não se saiba mesmo que isso se chama uma cidade, uma rua, prédios, calçadas...

A cidade

(p.83) Não tentar encontrar rapidamente uma definição da cidade; seria por demasiado extensa, haveria muita chance de se enganar.

Inicialmente, fazer um inventário do que se vê (...) estabelecer distinções elementares: por exemplo, entre o que é a cidade e o que não é a cidade.

Interessar-se pelo que separa a cidade do que não é a cidade. Olhar o que ocorre quando a cidade acaba. Por exemplo, (eu já abordei este assunto a propósito das ruas), um método absolutamente infalível para saber se a gente se encontra em Paris ou no seu exterior consiste em olhar o número do ônibus (...).

(p.84) Notar bem que a cidade não é sempre aquilo que ela era.

(p.85) Uma cidade: pedra, cimento, asfalto. Desconhecidos, monumentos, instituições.

Megalópoles. Cidades tentaculares. Artérias. Multidões. Formigueiros?

O que é o coração de uma cidade? A alma de uma cidade?

Por que se diz que uma cidade é bela ou que ela é feia? O que há de bonito e o que há de feio em uma cidade? Como se conhece uma cidade? Como se conhece sua cidade?

Método: seria preciso, ou mesmo renunciar a falar-se da cidade, sobre a cidade, ou mesmo obrigar-se a falar simplesmente do mundo, falar, evidentemente, de maneira coloquial. Perseguir toda idéia pré-concebida. Parar de pensar em termos já preparados, esquecer o que falam os urbanistas e os sociólogos.

Há algo de assustador na própria idéia de cidade; tem-se a impressão de que a gente poderia somente se amarrar a imagens trágicas ou desesperadas: Metrôpoles, o universo mineral, o mundo petrificado, que a gente poderia somente acumular sem trégua questões sem resposta."

(p.p. 85-86) Nós não podemos nunca explicar ou justificar a cidade. A cidade está ali. Ela é nosso espaço e nós não temos outro. Nós nascemos nas cidades. Nós crescemos nas cidades. É nas cidades que respiramos. Quando tomamos o trem, é para ir de uma cidade à outra cidade. Não há nada de desumano em uma cidade, senão nossa própria humanidade.

4. Minha cidade

(p.87) Eu amo minha cidade, mas eu não saberia dizer exatamente o que eu amo. Eu não creio que seja o odor. Estou habituado demais aos monumentos para ter vontade de olhá-los. Eu gosto de certas luzes, algumas pontes, os terraços dos cafés. Eu gosto muito de passar em um local que eu não via há muito tempo.

5. (p.88) Cidades estrangeiras

Sabemos ir à estação de trem, ou do *air terminal* a nosso hotel. Desejamos que ele não seja muito distante. Gostaríamos de estar no centro. Estudamos atentamente o mapa da cidade. Assinalamos os museus, os parques, locais que nos foram rigorosamente recomendados para se ver.

Vamos olhar os quadros e as igrejas. Adorariamos passear, flunar, mas não ousamos; não sabemos andar à deriva, poderíamos nos perder. Nós não chegamos a andar, medimos. Não sabemos muito bem o que olhar. Quase nos emocionamos se encontramos a loja da *Air France*, quase à beira das lágrimas se avistamos o *Le Monde* em uma banca de jornal. (...) Espaço neutro, não ainda investido,

praticamente sem referências: não sabemos quanto tempo para ir de um lugar a outro, estamos sempre terrivelmente adiantados.

Dois dias podem ser suficientes para que comecemos a nos aclimatar. (...) Isso não quer dizer que comêssemos a habitá-la.

O campo

(p.94) Eu sou um homem das cidades, eu nasci, eu cresci, e eu vivi nas cidades. Meus hábitos, meus ritmos e meu vocabulário são hábitos, ritmos e vocabulários de um homem das cidades. A cidade pertence-me. Nela, estou em casa: o asfalto, o cimento, as grades, a rede de ruas, o acinzentado das fachadas a perder de vista, são coisas que podem me escandalizar ou me surpreender, mas da mesma maneira que poderia me escandalizar ou surpreender, por exemplo, a extrema dificuldade que há quando se quer ver sua própria nuca ou a injustificável existência dos sisos (frontais ou maxilares).

(p.96) Alternativa nostálgica (e falsa)

Ou se enraizar, encontrar, ou fortificar suas raízes, assentar no espaço o lugar que será seu, construir, plantar, apropriar-se, milímetro por milímetro, seu “em casa”: estar por inteiro em seu vilarejo (...).

Ou possuir somente suas roupas nas costas, não guardar nada, viver em um hotel e se mudar com frequência, e se mudar de cidade, e se mudar de país; falar, ler, indiferentemente quatro ou cinco línguas; não se sentir em casa em nenhum lugar, mas bem em quase todos.

Do movimento

(p.97) Vive-se em algum lugar? Em um país, em uma cidade deste país, em um bairro desta cidade, em uma rua deste bairro, em um apartamento deste prédio.

Há muito tempo dever-se-ia ter o hábito de se deslocar, deslocar-se livremente, sem que isso nos custe. Mas não o fizemos: permanecemos aqui onde estamos; as coisas permaneceram como estavam.

Medidas

(p.113) Em outro tempo, como todo o mundo eu suponho, e sem dúvida em uma destas pequenas agendas trimestrais que dão nas livrarias *Gilbert* quando começam as aulas (...) eu escrevi assim meu endereço:

Georges Perec /18, Rua da Assomption
Escada A/3º andar
Porta direita/Paris 16e
Sena/França
Europa/Mundo/Universo

O espaço (seqüência e fim)

(p.122) Eu adoraria que existissem lugares estáveis, imóveis, intangíveis, intocados e quase intocáveis, imutáveis, enraizados; lugares que seriam referências, pontos de saída, fontes:

(...) Tais lugares não existem, e é porque eles não existem que o espaço está em questão, cessa de ser evidência, cessa de ser incorporado, cessa de ser apropriado. O espaço está em dúvida: é preciso incessantemente que eu o marque, que o designe; ele nunca é meu, ele nunca me foi dado, é preciso que eu o conquiste.

Meus espaços são frágeis: o tempo vai usá-los, vai destruí-los: nada se parecerá mais ao que era, minhas lembranças me trairão, o esquecimento infiltrar-se-á em minha memória, eu olharei sem reconhecer algumas fotos amareladas de bordas rasgadas. (...). (p.123) Escrever: tentar meticulosamente reter alguma coisa, fazer sobreviver alguma coisa: arrancar alguns fragmentos

precisos do vazio que se cava, deixar, em algum lugar, um rastro, um traço, uma marca ou alguns sinais.

Paris, 1973-1974